

MANUEL MIRANDA RAMOS LOPES

DISCURSO DE ELOGIO ACADÉMICO



LISBOA
1 9 6 7

8.2(469.34)"1966"
pp

Biblioteca Municipal de
Barcelos

Opus 2.ª

Maio, 1598

H. Zamboni

DISCURSO DE ELOGIO ACADÉMICO



Perm.

Barcelos

Magnífico Cancelário Reitor
Ex.mo Sr. Director da Faculdade de Medicina
Sapientíssimos Doutores
Senhores Estudantes
Excelentíssimas Autoridades
Senhoras e Senhores

O toque do sino grande da Torre anunciava ontem à cidade o que hoje confirmou repetidamente: festa na Universidade, cerimónia de doutoramento.

É, na verdade, festivo este acontecimento, quer o encaremos do ponto de vista dos novos doutores, quer o apreciemos do ângulo respeitante à Universidade.

Para os primeiros é uma honra, — e subida ela é —, receber a láurea académica correspondente ao mais alto grau que a Universidade confere. Para a Universidade, por outro lado, é motivo de júbilo honrar o mérito e enriquecer o seu clausto doutoral com novos valores.

As instituições são como os seres vivos: nascem, crescem, vivem reproduzem-se e estão, como os seres biológicos, também sujeitas a morrer. Têm, por isso, o seu próprio metabolismo, as suas fases de maior ou menor esplendor e até as suas crises de crescimento ou de adaptação às circunstâncias.

Para sobreviverem, crescerem e se reproduzirem, as Universidades têm de, ininterruptamente, assimilar e incorporar novos valores que, num permanente render da guarda, garantam esta sobrevivência, crescimento e reprodução.

Elogio dos Profs. Duarte Santos, Luís Raposo, Albertino de Barros e A. Vaz Serra, apresentantes dos doutorandos Guilherme Penha, Luís José Raposo, Mário Mendes e Rodrigues Branco, na cerimónia de imposição de *insígnias doutorais* feita a estes últimos na Sala dos Capelos da Universidade de Coimbra, em 19 de Junho de 1966.

Se, em mirada retrospectiva, olharmos o começo desta Universidade em 1290 e o modo como cresceu, como viveu e vive, e como se tem reproduzido — lembremos Lisboa, Porto, as várias Universidades do Brasil, India Portuguesa, Angola, Moçambique —, ficaremos com a certeza de que esta renovação, melhor ou pior, nunca deixou de se fazer em moldes aceitáveis e satisfatórios.

Tradicionalmente, os professores desta Universidade são recrutados entre os seus doutores, isto é entre os licenciados que demonstrando um mínimo de qualidades para a investigação e para a docência universitária, passaram com êxito nas difíceis provas de doutoramento académico e assim fizeram jús à concessão do mais elevado grau que a Universidade confere.

É de entre os seus doutores que a Universidade recrutará através de provas documentais ou públicas, estas sempre difíceis e contingentes, os mais aptos para o desempenho das funções de Primeiro Assistente, Professor Extraordinário e Professor Catedrático.

O título de doutor é pois um grau, e pode não ser mais do que isso. Mas é habitualmente uma inerência de função, por outras palavras, um grau a que correspondem diversas funções, hierarquicamente escalonadas, da docência Universitária.

Todavia, como grau académico, é na realidade o mais alto que a Universidade confere, e por isso se justifica e bem compreende toda a riqueza do cerimonial de imposição das respectivas insígnias.

A Universidade veste as suas melhores galas, reúne o claustro dos doutores, enfeita de louros a Via Latina e, enquanto na teia ou nas galerias da vetusta Sala dos Capelos tomam assento autoridades civis, eclesiásticas e militares, visitas qualificadas e convidados de honra, o cortejo, ao som de acordes da Charamela, inicia a sua marcha, atravessa o Pátio, percorre a Via Latina e entra na Sala dos Capelos com os novos doutores a fechar o préstio, entre o Reitor e o Director da Faculdade.

Aqui os doutores tomaram já os seus lugares, aguardando os doutorandos e seus apresentantes, em lugar próprio, o decorrer da cerimónia já depois de o mais antigo dos doutorandos ter feito, em breve e elegante oração, a petição do respectivo grau.

É a vez dos oradores justificarem o mérito dos peticionários e exaltarem o prestígio dos seus apresentantes.

É exactamente o momento em que nos encontramos todos, eu como orador, V. Ex.^{as} como ouvintes.

O Prof. Ibérico Nogueira, acaba de fazer ouvir a sua palavra tónica e fluente, exaltando, com elegância e poder de convicção, o mérito dos doutorandos.

Cabe-me a mim, como orador mais novo, exaltar o prestígio dos Mestres que aqui vieram apadrinhar os novos doutores.

Faço-o com grande gosto, mas com dobrada emoção: emoção pelo local onde me encontro e onde faço ouvir a minha voz; emoção pelas pessoas cujos méritos sou chamado a exaltar, todos eles meus Mestres, que nessa qualidade contribuíram para a minha formação profissional e, em grau diverso, dalgum modo influenciaram a minha formação humana.

Os vínculos espirituais e afectivos que a eles me ligam constituem razão bastante do prazer, da emoção e do sentido de responsabilidade que experimento ao exaltar as suas virtudes.

*

* *

O Doutorando Guilherme Hermínio Penha, tem como seu representante o Doutor Luís Augusto Duarte Santos, Professor Catedrático de Medicina Legal.

O Professor Duarte Santos, apesar da sua juventude possui já uma larga folha de serviços que a vivacidade do seu espírito e as suas qualidades de trabalho, irrequietude e dinamismo bem justificam. Aluno distinto da Faculdade de Medicina de Coimbra, nela se licenciou ao 23 anos com 18 valores, melhorando ainda esta elevada média através dum doutoramento profissional, feito seis meses depois, e no qual obteve a classificação de 19 valores, com uma tese sobre «Calcemia e Káliemia no Parto».

Nomeado Assistente de Clínica Médica, exerce estas funções durante cerca de 7 anos, e vem a fazer provas de doutoramento académico, apresentando uma disserção sobre «Glico-regulação e Diabetes», em Outubro de 1942. É aprovado por unanimidade.

A partir desta data e a convite do Professor Almeida Ribeiro transfere a sua actividade da Clínica Médica para a Medicina Legal, onde passa a exercer as funções de 1.º Assistente e a reger por encargo da Faculdade, os Cursos de Deontologia Profissional e de Toxicologia Forense.

Atendendo, na expressão de Almeida Ribeiro, «à conveniência da posse de abundantes conhecimentos de Psiquiatria para o professorado de Medicina Legal» e bem assim «à óbvia conveniência, que

todos os dias mais se acentua, de conhecimentos de Biotipologia para a sua aplicação aos estudos da Psiquiatria e Criminologia», o Doutor Duarte Santos continua com os seus trabalhos de investigação sobre Biotipologia, já encetados em fase anterior, e efectua de 1945 a 1948 uma série de estágios nas Clínicas Psiquiátricas de Coimbra, Lisboa e Genebra.

Em 1953 e 54 realiza estágios nos serviços de Medicina Legal de Madrid e do Porto, prestando — pouco depois — provas para Professor Extraordinário do 4.º grupo, sendo aprovado por unanimidade.

Toma seguidamente posse do lugar de Professor Extraordinário de Medicina Legal e, em Dezembro seguinte, com a aposentação do Prof. Almeida Ribeiro, recebe da sua Faculdade o encargo da regência dos respectivos cursos (Medicina e Direito).

Em Fevereiro de 1958 prestou provas para Catedrático de Medicina Legal, sendo aprovado por unanimidade e vindo a tomar posse do respectivo lugar pouco depois.

Até esta data publicara exactamente 100 trabalhos, de índole diversa, tratando de vários assuntos entre os quais avultam os de Clínica Médica, Bioquímica, Biotipologia, Psiquiatria, Sexologia, Deontologia e Medicina Legal.

Ligado inicialmente ao «Jornal do Médico» e mais tarde ao «Médico», numa e noutra destas revistas exerceu notável actividade jornalística através de frequentes e variadas notas de comentário ou reportagem.

Atingida a cátedra, a sua actividade mantêm-se com o mesmo ritmo.

Como Director do Instituto de Medicina Legal — esse magnífico Instituto que sempre recordará a altíssima figura de Almeida Ribeiro — o Prof. Duarte Santos tem procurado fazer dele o que o seu antecessor sonhara.

Inteligente, vivíssimo e cheio de iniciativas, o Prof. Duarte Santos tem dado o seu concurso e facultado o dos seus colaboradores aos Cursos de Aperfeiçoamento da Faculdade de Medicina, aos problemas relacionados com a Medicina dos Acidentes e do Tráfego, aos Cursos de Férias sobre a Medicina do Trabalho, na Figueira do Foz, etc.

Na sequência desta actividade conseguiu a criação, junto da cadeira de Medicina Legal, de um Gabinete de Estudo de Medicina e Biotipologia do Trabalho, em ligação com o Ministério das Corporações.

Recentemente, em Maio de 1965, fez viver a Coimbra e ao seu Instituto de Medicina Legal momentos de invulgar animação, com a realização do XXX Congresso Internacional de Medicina Legal e Social de Língua Francesa, que organizou a convite do Professor Muller, de Lille, do qual foi presidente.

Esta elevada e rara distinção de que foi alvo o Prof. Duarte Santos, documenta bem o prestígio internacional do patrono do primeiro dos doutorandos de hoje.

*

* *

O Doutorando Luís José Moreira Martins Raposo é apresentado por seu pai, o Prof. Luís Raposo, catedrático jubilado de Clínica Cirúrgica.

Porque se trata de alguém que terminou já as suas funções oficiais, torna-se praticável uma retrospectão a plena luz. E porque, no decurso da sua longa vida de Professor e de Médico — esta, felizmente, ainda a decorrer — realizou uma obra longa e a todos os títulos notável, impossível se torna fazer dela, no escasso tempo de que dispomos, uma análise, mesmo superficial.

Resta-nos, por isso, o recurso da síntese.

Estudante distintíssimo, Luís Raposo, honrou sempre as primícias da sua estreia na Faculdade, através de uma carreira profissional e académica excepcionalmente brilhante, apesar de erçada de obstáculos, os mais imprevistos e singulares.

Todavia, o seu superior talento e as virtudes do seu carácter inteiro e firme, de boa cepa transmontana, temperado nas trincheiras da guerra de 14 e nestas lutas da vida, souberam impôr-se e fazê-lo triunfar destas dificuldades.

Obstetra, ginecologista e cirurgião, Luís Raposo conseguiu sempre, em cada um destes estádios da sua actividade, alcandorar-se a lugar cimeiro, tanto no ensino como na clínica hospitalar ou privada.

Fui seu aluno em Patologia Cirúrgica e aqui rememoro, com o mais alto apreço, o raro brilho das suas lições magistrais, sempre profundas e actualizadas, de clara sistematização e notável elegância de forma.

Palavra quente, animada, entusiástica até, mas sempre temperada de objectividade e polvilhada mesmo, aqui e acolá, de uma pitada de cepticismo, muito do seu gosto, a dar o tom das realidades clínicas perante uma hipótese mais especulativa.

Não esquecerei nunca, a hora alta da sua lição de concurso para catedrático de Patologia Cirúrgica, nesta mesma sala onde ainda se não extinguiram os ecos das suas múltiplas intervenções em provas académicas, de doutoramento ou concurso para Professor, intervenções a que emprestou sempre um equilíbrio, um brilho, uma proficiência, uma animação, em suma, um «savoir faire» que me parecem difíceis de ultrapassar.

Em Lisboa e Porto, tomou igualmente parte em variados concursos, honrando sempre a sua Faculdade pelo brilho e elevado nível das suas intervenções.

Como professor da Secção Cirúrgica e Director de Serviço, manifestou-se sempre contra o clássico monopólio vigente neste sector de actividade hospitalar, procurando interessar os alunos pela cirurgia e impulsionar a formação de cirurgiões de carreira.

A análise dos números relativos a intervenções cirúrgicas, realizadas nos serviços da sua direcção, por si e pelos seus colaboradores, dá bem a medida das facilidades concedidas e da preocupação de fazer escola.

Não admira, por isso, que uma boa série de cirurgiões que hoje exercem a sua actividade em vários pontos do país, lhe devam a sua formação profissional.

Universitário talentoso e de razão esclarecida, compreendeu sempre que o homem vale por aquilo em que se projecta fora de si.

Atento às necessidades da sua Faculdade, procurou melhorar as possibilidades cirúrgicas do meio em material e pessoal, propondo e conseguindo a nomeação dos primeiros anestesistas para os serviços de cirurgia, a criação duma enfermaria para operados do tórax e a aquisição de material para cirurgia pulmonar e cardíaca.

Nesta mesma ordem de ideias, promove a saída para o estrangeiro de colaboradores seus que voltam enriquecidos nos seus conhecimentos e possibilidades técnicas, de modo a melhor servir a sua Faculdade e o meio.

Os nomes do Prof. Fernando de Oliveira e do Doutorando que hoje apadrinha são exemplos desta orientação, mercê da qual criou discípulos e continuadores que, servindo a Escola e honrando-se a si, honram sobremaneira o Mestre que os formou.

No termo da sua vida oficial, Luís Raposo, que conserva uma notável pujança física e juventude de espírito, pode orgulhar-se do dever cumprido.

Os seus discípulos podem aderir sem reboço ao exemplo do Mestre, olhando como paradigma a dupla lição que lhes deixou como

universitário de elevada craveira e como Homem, de carácter íntegro e de vida sem mácula.

*

* *

O Doutorando Mário Luís Mendes tem como Patrono o Prof. Albertino Barros, catedrático de obstetrícia da Faculdade de Medicina.

Nascido em Vila Real em 1910, ali tirou com distinção o seu curso liceal; aos 17 anos, matricula-se na Faculdade de Medicina de Coimbra, licenciando-se aos 23 anos com a média de 18 valores.

Em Janeiro do ano seguinte (1934) inicia em Paris um longo estágio com o objectivo de se especializar em Obstetrícia, Ginecologia e Pediatria, para o que frequentou durante esse ano e os de 35, 36 e 37 as maternidades Baudelocque, Tarnier e os Hospitais Broca e «Des Enfants-Malades».

Durante este período de tempo, inscreve-se e assiste a 11 cursos de aperfeiçoamento em Obstetrícia, Ginecologia, Pediatria e Cirurgia.

Em 1938, a convite do Prof. Novais e Sousa, começa a exercer as funções de Assistente de Obstetrícia, que é obrigado a interromper 4 anos depois, por uma mobilização intempestiva que o leva até aos Açores e ali o retém durante 2 anos.

Regressou, no fim deste período, às suas funções universitárias e, em Abril de 1951, presta provas de doutoramento académico, tratando a sua dissertação de «Hemorragias Obstétricas».

É aprovado com 19 valores, tomando seguidamente posse do lugar de 1.º Assistente. Em 1956, com a jubilação do Prof. Novais e Sousa, é encarregado pela Faculdade da regência do Curso de Obstetrícia. Em Abril de 1957 faz concurso para Professor Extraordinário de Obstetrícia e Ginecologia e, em Julho de 1960, concurso para catedrático de Clínica Obstétrica.

Em qualquer destes concursos evidencia a sua segura preparação científica e manifesta notáveis qualidades didáticas, merecendo, em ambos eles, aprovação por unanimidade.

Homem calmo, culto e circunspecto, paciente, lacónico, mas decidido e seguro de si, dir-se-ia ser a encarnação viva das virtudes tradicionalmente desejáveis num cultor da obstetrícia, especialidade em que é preciso saber esperar e saber quando agir, por outras palavras, saber esperar sem dar lugar ao desespero.

Parecendo uma pessoa fria e distante, Albertino de Barros é, no entanto, afável e bondoso, amigo dos seus colegas, dedicado aos

seus colaboradores e senhor das mais altas qualidades morais e virtudes cívicas.

Inteligente, culto e viajado, possui notáveis qualidades de método, de trabalho e de entusiasmo por vários problemas, para além das obrigações específicas do seu cargo.

Em 1948 organiza e dirige a Revista Portuguesa de Obstetrícia, Ginecologia e Cirurgia, publicação que teve, apesar da sua boa vontade e entusiasmo, uma vida curta. Pouco depois organiza o Arquivo da Clínica Obstétrica.

Nestas publicações deu à estampa grande parte dos seus variados trabalhos, sempre alicerçados em largas séries de doentes e valiosa experiência.

Logo depois do seu concurso, em 22 de Julho de 1960, toma posse da Cátedra de Obstetrícia de Coimbra, de tão alto prestígio na Universidade Portuguesa, e, por inerência de função, passa a dirigir a Maternidade Dr. Daniel de Matos, detentora das melhores tradições no panorama obstétrico nacional.

Se a herança era pesada, robustos eram também os ombros de quem a recebia e, desde então, Albertino de Barros mais não tem feito do que manter, certamente acrescido, o prestígio da Escola Obstétrica de Coimbra que com Novais de Sousa, ao lado de outros, ajudara a firmar.

A Maternidade Dr. Daniel de Matos, constitui hoje um claro exemplo de que um serviço hospitalar vale mais pelo pessoal que o serve do que pelas instalações que possui, desde que estas atinjam um mínimo «sine qua non».

Os alunos que saiem da Clínica Obstétrica de Coimbra, continuam levando uma preparação ímpar. As parturientes que a ela acorrem conservam a garantia de uma assistência pronta, cuidadosa, eficiente e de elevado nível científico. O volume e a qualidade da assistência nela prestada, atendendo à lotação e ao tipo das instalações, constituem um dos mais legítimos títulos de orgulho de quantos ali exercem a sua actividade, à volta do seu Director, cuja preocupação de fazer escola é evidente e frutuosa, como se vê pelo discípulo que aqui nos traz hoje.

*

* *

O Doutorando Joaquim Rodrigues Branco é apresentado pelo Prof. Augusto Pais da Silva Vaz Serra, catedrático de Clínica Médica e Director da Faculdade de Medicina.

Aluno distintíssimo do Liceu e da Universidade, o Prof. Augusto Vaz Serra licenciou-se em Medicina, muito novo, com as mais altas classificações.

Dotado de uma extraordinária vocação clínica, aperfeiçoou com o Prof. Adelino Vieira de Campos — Mestre insigne de vários Mestres desta Faculdade — a sua natural tendência para folhear esse tratado de inúmeras páginas que é o indivíduo doente, adquirindo, com o rodar dos anos e muitas horas de estudo e observação, um volume de conhecimentos médicos e uma experiência profissional absolutamente fora de série, que fizeram dele um dos médicos mais notáveis do nosso meio em todos os tempos.

Dotado de uma vivacidade de espírito incomum, capta com surpreendente facilidade — seja numa consulta, num exame, numa conversa ou na leitura dum artigo —, o essencial do problema em causa.

De elaboração mental rapidíssima e palavra fácil, fluente, às vezes quase sincopada, torna-se, durante um exame ou simples conversa, um interlocutor embaraçoso. Em provas académicas, estas qualidades fazem dele um arguente temível e justamente temido em certos meios onde a sua intervenção provocou abundantes estragos.

Entretando, eu diria que um dos traços mais salientes do seu carácter é uma rara gentileza, uma delicadeza de espírito que às vezes nos parece quase roçar a timidez. Primorosamente educado, afável, correctíssimo, soube sempre suscitar nos outros sentimentos de simpatia, estima, cordialidade e respeito.

Homem de acção pronta e decidida, consegue normalmente levar a efeito o que se impõe fazer sem magoar aqueles a quem tal actuação possa ser molesta.

Quando escreve, fá-lo num estilo claro, rico de imagens, espontâneo e multifacetado, em que a riqueza da adjectivação não veste ou esconde a ideia mas antes no-la mostra em todas as suas facetas e perspectivas.

Quem percorrer as páginas da «Coimbra Médica» e deparar com os escritos que, como Director desta revista ou como Director da Faculdade, ali deixou a propósito da jubilação de vários Mestres, não pode deixar de deleitar-se com a excelência desses retalhos de prosa. São autênticas páginas de Antologia, em que não sabemos que mais admirar: se a perfeição psicológica dos retratos, se a vivacidade das tintas ou a perfeição do traço, que é como quem diz a riqueza do conceito ou a elegância do estilo. Mas transparece nelas

uma dedicação pela Escola e um devotamento pelos Mestres que, dalgum modo, constituem retrato do próprio Autor.

Prelector claro e sempre actualizado, hierarquizando do melhor modo as noções a ministrar aos seus alunos, deles tem recebido — na elevada afluência às suas aulas — a inequívoca prova do seu agrado e proveito.

Clínico dedicadíssimo aos seus doentes de enfermaria, mestre devotado aos seus colaboradores e alunos, passou sempre muitas horas do dia no cumprimento dos seus deveres universitários, ensinando, orientando, assistindo e investigando. Como chefe de equipe, sempre soube descobrir nos seus colaboradores virtudes ou limitações, orientando-os no melhor sentido, entusiasmando-os e dinamizando-os com o seu exemplo.

O doutorando de hoje é um claro exemplo da sua perspicácia e sentido de prospecção nesta matéria.

Em 1954 ressuscita a Coimbra Médica para a sua terceira fase e faz dela não só o repositório de grande parte dos trabalhos da Escola, mas ainda uma revista cheia de interesse prático, com uma excelente revista de revistas e várias secções de especial agrado para o policlínico. A «Nota Clínica», «Um diagnóstico de...», que só por excepção não sai do seu punho pessoal, é uma secção que se lê sempre com renovado interesse e muito do agrado do clínico geral.

Nestas notas se revela o especial geito didáctico do seu autor e, frequentemente, aí se aprecia o seu senso clínico ou as suas qualidades de observador atento, culto e perspicaz.

Em 10 de Maio de 1956, tomou, com geral aprazimento, posse do lugar de Director da Faculdade de Medicina.

A obra que realizou nestes 10 anos não pode apreciar-se aqui, em duas pinceladas breves, tão notável, profunda e rica de consequências ela tem sido.

Está, no entanto, na lembrança de todos o ritmo novo que imprimiu à vida da Faculdade, não somente na rotina do seu dia a dia, como no preenchimento das numerosas vagas existentes, na abertura de concurso para Professores extraordinários e catedráticos, na obtenção de novos lugares de assistentes e de pessoal técnico além do quadro e, finalmente, na consecução do novo quadro da Faculdade de Medicina.

Com a entrega à Faculdade do seu novo edifício, tornou-se possível dar novo incremento à experimentação animal e criar serviços de investigação laboratorial que permitem um ritmo de trabalho até então desconhecido.

Se isso se deve, em grande parte, à dedicação dos respectivos directores e investigadores que aí trabalham, deve-se também muito ao Director da Faculdade, pelo apoio franco e decidido dado a essas iniciativas, pela sua estimulação directa nalguns casos, e pela obtenção das necessárias verbas de funcionamento.

Um destes novos serviços, o Laboratório de Radioisótopos, é mesmo da direcção pessoal do Professor Vaz Serra e pode servir de paradigma e exemplo de quanto vale a sua acção aglutinadora de intenções e dinamizadora de esforços.

Sejam quais forem os caminhos do futuro, a passagem de Augusto Vaz Serra pela Direcção da Faculdade da Medicina de Coimbra, ficará assinalada, na sua história, como uma das mais fecundas acções directivas da sua longa existência.

Meus senhores

Nem só a árvore que há frutos aproveitáveis merece ser conservada, porque a sua utilidade pode não estar no fruto, mas no caule, na copa ou na flor. De resto, o proveito maior do fruto não está num pericarpo mais ou menos saboroso e comestível, mas está na semente, gérmen de nova planta.

Ora, neste sentido, toda a árvore dá frutos aproveitáveis. Aquela que os não der é uma árvore doente, defeituosa, que termina ali a sua geração.

Paralelamente, o universitário que não deixa discípulos, falhou na sua missão de professor, pôs em perigo a instituição que serve e deixou morrer consigo a sua geração espiritual.

Pelo contrário, o Mestre que faz escola e deixa discípulos, cumpriu a sua missão, merecendo honras e louvores por isso.

Palavras de louvor e de enaltecimento são, por isso, devidas aos Professores que aqui nos trazem hoje discípulos que fizeram, numa afirmação de magnífica fecundidade espiritual.

É este um alto título de mérito que eu não quero deixar de sublinhar.

Magnífico Cancelário Reitor

Se as credenciais dos doutorandos, postas em relevo pelo orador antecedente, justificam a sua presença aqui na esperança de receberem o respectivo grau, o alto prestígio de quem os apresenta e patrocina mais reforça a legitimidade da sua pretensão. Por isso, para eles peço a concessão da láurea doutoral.

SEPARATA DA REVISTA ACÇÃO MÉDICA

Composta e impressa na Gráfica de Gouveia, L.da — G

biblioteca
municipal
barcelos



28919

Discurso de elogio académico